

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
DEPARTAMENTO DE TEORIA LITERÁRIA E LITERATURA
MESTRADO EM LITERATURA

A REPRESENTAÇÃO LITERÁRIA DO JORNAL
NO UNIVERSO ROMANESCO BARRETIANO

Walter Mendes dos Santos

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Literatura do Departamento de Teoria Literária e Literatura da Universidade de Brasília, sob a orientação do Professor Doutor André Luís Gomes, como requisito parcial para a obtenção do grau de mestre em Literatura.

BRASÍLIA
MAIO/2007

A todos os leitores, pesquisadores e admiradores da obra de Lima Barreto.

AGRADECIMENTOS

Ao Deus de toda a graça, revelado na Bíblia, em quem estão escondidos todos os tesouros do conhecimento e de quem procede todo dom perfeito e toda boa dádiva, por ter-me dado todos os talentos, oportunidades e recursos necessários para chegar à conclusão do meu mestrado em literatura;

Ao Professor Doutor André Luís Gomes, pela paciente e prestativa orientação acadêmica no preparo e desenvolvimento deste trabalho;

À Professora Doutora Maria Isabel Edom Pires, por seu desempenho como cicerone do universo barretiano na disciplina Historiografia e Crítica Literária no Brasil, ministrada no primeiro semestre de 2004 no Programa de Pós-Graduação em Literatura do TEL—UnB;

Aos Professores Doutora Tânia Montoro e Doutor Goiamérica Felício, pelas sugestões de bibliografia, desdobramento e abordagens apresentadas durante as bancas de defesa de projeto e defesa de dissertação;

À minha mãe, à minha prima Belinha, aos professores Joãoimar Carvalho, Ruben Holdorf e Antônio Marcos, aos meus amigos Renato Cabral, Alexandra Nogueira, Tâmara Barbosa e André Prata, por me estimularem, me apoiarem e me incentivarem a realizar este curso de pós-graduação e a prosseguir nele.

“Tudo de Lima é atual, de uma atualidade alarmante”.

João Antônio, *Calvário e Porres do Pingente*
Afonso Henriques de Lima Barreto, pág. 13.

“As homenagens prestadas à memória de Lima Barreto, os estudos críticos que lhe dedicam prestigiosos escritores da nova geração que não chegou a conhecê-lo, ainda me parecem inferiores ao mérito real do grande artista, que tantos anos viveu esquecido ou odiado por uma sociedade cujas fraquezas e procedimentos ele, corajosamente, timbrava em estigmatizar”.

José Mariano Apud José Lins do Rego, *Ainda sobre Lima Barreto*, pág. 432.

“No início deste século [XX], o jornalismo transforma-se em empresa na base estrutural, mas ainda se mostra de expressividade literária. E se a literatura à época guarda à risca as instruções do Naturalismo e do Parnasianismo, então *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, ao realizar a representação literária do jornal, fará um registro de dupla negação. Isto é, de negação do jornalismo e da ficção hegemônica imperante no início deste século”.

Moacyr Scliar, em *Jornalismo e Literatura: a fronteira conflagrada*.

SANTOS, Walter Mendes dos. **A Representação Literária do Jornal no Universo Romanesco Barretiano**. Brasília, 2007. Dissertação de Mestrado em Literatura. Departamento de Teoria Literária e Literatura — Mestrado em Literatura, Universidade de Brasília.

RESUMO

O presente trabalho pretende estudar a representação literária da imprensa nos romances de Lima Barreto. A partir das obras *Recordações do Escrivão Isaiás Caminha*, *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, *Numa e a Ninfa*, *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá* e *Clara dos Anjos*, selecionam-se aspectos jornalísticos e literários presentes para descrever e analisar as relações entre jornalismo e literatura nestes romances, a fim de questionar esta confluência e apontar a articulação textual destas relações no texto barretiano. No capítulo inicial, o autor situa a trajetória de repórter e cronista e o trabalho literário de Lima Barreto na história da imprensa brasileira. Na sequência, aborda a influência da militância no jornalismo sobre o estilo e projeto literário deste escritor. No capítulo seguinte, examina o posicionamento de Lima Barreto sobre a imprensa de sua época e as contradições apontadas por ele nesta instituição. Nos capítulos quatro e cinco, o autor analisa, respectivamente, a galeria de personagens jornalistas e o papel da imprensa nos enredos do universo romanesco barretiano.

Palavras-chave: Lima Barreto; romance; jornalismo e literatura; representação.

SANTOS, Walter Mendes dos. **The literary representation of newspaper in the Lima Barreto's novels.** Brasília, 2007. Dissertação de Mestrado em Literatura. Departamento de Teoria Literária e Literatura — Mestrado em Literatura, Universidade de Brasília.

ABSTRACT

This work aims to study the literary representation of press throughout Brazilian writer Lima Barreto's novels: *Recordações do Escrivão Isaias Caminha*, *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, *Numa e a Ninfa*, *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá* and *Clara dos Anjos*. From these works are selected journalistic and literary aspects in order to describe the relations journalism — literature, so that the forms of this connection to be questioned and its textual articulation to be pointed. At first chapter, the author shows the Lima Barreto's career as reporter and articulist and his literary work within the history of Brazilian press. Second, it is discussed how the passage of his writer by journalism brought a strong influence upon his literary style and project. At the next chapter, the author searches the Lima Barreto's position about the 1900-1920's Brazilian press and its contradictions pointed by him in his novels. Lastly, it is analysed the the all of journalist characters at the fourth chapter and the role of press in the stories of Lima Barreto's novels at the fifth chapter.

Key-words: Lima Barreto; novel; journalism and literature; representation.

SANTOS, Walter Mendes dos. **La représentation littéraire du journal dans l'univers romanesque de Lima Barreto**. Brasília, 2007. Dissertação de Mestrado em Literatura. Departamento de Teoria Literária e Literatura — Mestrado em Literatura, Universidade de Brasília.

RESUMÉ

Le présent travail a pour objectif d'étudier la représentation littéraire de la presse dans l'univers romanesque du écrivain brésilien Lima Barreto: *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, *Numa e a Ninfa*, *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá* et *Clara dos Anjos*. Par le biais de la sélection des aspects journalistiques et littéraires dans ces romans barrétiens, on cherche à décrire les rapports journalisme — littérature, par que il soit questionnée cette relation et montrée leur articulation textuel. D'abord, dans le premier chapitre, l'auteur montre le trajet de Lima Barreto comme reporter et chroniqueur et sa œuvre littéraire dans l'histoire de la presse brésilienne. Ensuite, on discute comme sa militance dans le milieu journalistique a influencé fortement son style et projet littéraire. Dans le chapitre suivant, l'auteur examine la position barrétienne sur la presse des années 1900-1920 au Brésil et leurs contradictions pointées par lui dans ses romans. À la fin du travail, dans les chapitres quatrième et cinquième, on analyse le conjoint des personnages journalistes dans les romans et le rôle de la presse dans la suite d'actions de l'univers romanesque de Lima Barreto.

Mots-clés: Lima Barreto; roman; journalisme et littérature; représentation.

SUMÁRIO

RESUMO	v
ABSTRACT	vi
RESUMÉ	vii
INTRODUÇÃO	1
1. LIMA BARRETO, O ESCRITOR JORNALISTA	12
Imprensa brasileira: um breve histórico...12;	
O repórter e cronista Lima Barreto...18.	
2. O JORNALISMO NA ESCRITA BARRETIANA	27
Princípios da linguagem jornalística...28;	
A conexão jornalística na literatura barretiana31;	
Entre a caravana e os cães ...41.	
3. A IMPRENSA NOS ROMANCES BARRETIANOS	44
Elogio da imprensa ideal...45;	
Crítica da imprensa impura ...50.	
4. A PERSONAGEM JORNALISTA EM BARRETO	61
<i>Isaías Caminha, roman à clef</i> ...63;	
Os personagens jornalistas de <i>Isaías Caminha</i> ...67;	
O narrador Isaías Caminha...72;	
Personagens jornalistas em outros romances...76.	
5. O JORNALISMO NO ENREDO BARRETIANO	81
A imprensa e os fatos do enredo...82;	
A imprensa e os juízos de valor no enredo...87;	
Razões do destaque dado à imprensa...89.	
CONSIDERAÇÕES FINAIS	91
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	96

INTRODUÇÃO

As relações entre o jornalismo e a literatura podem ser comparadas a de dois amantes geniosos e sensuais. Ela é balzaquiana, mais madura, tendo nascido na Antigüidade Greco-Romana com as obras de Homero e de Vírgilio; ele é um jovem adulto, com alguns anos a menos, cuja origem remonta ao fim da Idade Média com a formação das línguas modernas e dos Estados nacionais na Europa pós-renascentista. Os dois se encontraram no século XVIII¹ e desde então jornalistas e escritores têm transitado juntos por estes campos de expressão da palavra.

Falando sobre a literatura produzida nos Estados Unidos, Luiz Carlos LISBOA assinala que “mais que os clássicos e os autores europeus, a grande influência da literatura americana foi o jornal”². Ele então prossegue mostrando como grandes escritores norte-americanos do porte de Edgar Allan Poe, Walt Whitman, Jack London, Dorothy Parker e Ernest Hemingway aperfeiçoaram o estilo literário ao trabalharem como editores, redatores, revisores e diretores de jornais. (Ainda no mundo anglo-saxão é importante lembrarmos do inglês George Orwell: embora seja mais conhecido como o romancista de *1984* e *Revolução dos Bichos*, ele construiu marcos em pelo menos três gêneros jornalísticos: ensaios políticos, resenhas críticas e reportagem literária.) Três dos maiores escritores vivos, o americano Norman Mailer, o peruano Mario Vargas Llosa e o colombiano Gabriel García Márquez, volta e meia escrevem relatos jornalísticos com a sintaxe da arte literária. Sem contar dezenas de outros que escrevem ensaios e críticas literárias para influentes jornais. Afrânio COUTINHO é muito categórico sobre este ponto: “É (...) impossível, no estudo do desenvolvimento literário de um país, fazer abstração do jornalismo, o maior contribuinte para a formação de literatos até agora”³.

¹Faremos, nesta introdução, apenas um breve histórico das relações literatura — jornalismo. A história do surgimento da imprensa ocidental será melhor explorada adiante, no primeiro capítulo.

²LISBOA, Luiz Carlos. “Quanto a literatura americana deve ao bom jornalismo”. IN: **Jornal dos Jornais**, ano 1, n. 7, outubro/1999, págs. 17-19.

³COUTINHO, Afrânio. “Literatura e Jornalismo”. IN: _____ (org.). **A Literatura no Brasil**. vol. 4. Rio de Janeiro: José Olympio/UFF, pág. 98.

A literatura em língua portuguesa não foge a esta tradição, a começar pelo Romantismo. O romancista português Almeida Garret fundou pelo menos quatro jornais, segundo informações biográficas; seu colega Alexandre Herculano dirigiu a principal revista do Romantismo português, *O Panorama*, de 1836 até 1844, além de ser famosa a polêmica que travou nos jornais com o clero de seu país devido a sua participação nas lutas liberais; Gonçalves de Magalhães, introdutor do Romantismo em poesia no Brasil, lançou, com outros brasileiros, a revista *Niterói*. Os poetas brasileiros Gonçalves Dias, da *Canção do Exílio*, e Casimiro de Abreu, de *Meus Oito Anos*, ao regressarem aquele da formatura em Direito e este da conclusão do curso de Comércio em Portugal se dedicaram ao jornalismo no Brasil.

Esta relação é mais clara no caso dos romancistas românticos e a principal forma de divulgação de seus trabalhos, os folhetins. Segundo Marlyse MEYER⁴, o folhetim possui origem francesa — o *feuilleton* do século XIX: um espaço físico (o rodapé) e temático (variedades) no jornal que desembocará mais tarde em dois produtos culturais. Primeiramente, os romances-folhetins — isto é, romances publicados em capítulos seriados nos jornais, que se estendiam por meses conforme o interesse dos leitores e a imaginação do escritor; Marlyse MEYER os conceitua como “romances quilométricos servidos em fatia”⁵. Em segundo lugar, os atuais cadernos culturais dos jornais, com variedades e cobertura de artes e espetáculos.

O romancista romântico português Camilo Castelo Branco conquistou o público inicial de sua prolífica obra ao escrevê-la em folhetins nas revistas e jornais da época, concomitante à sua intensa atividade nos jornais do Porto (com polêmicas e críticas literárias). Os românticos brasileiros José de Alencar, Bernardo Guimarães, Joaquim Manuel de Macedo e Manuel Antônio de Almeida tiveram seus romances publicados em forma de folhetins nos jornais, além de terem exercido o jornalismo como articulistas, cronistas, críticos literários e até repórteres (caso de Almeida, que morreu enquanto fazia uma reportagem).

O marco histórico do início do Realismo em Portugal é a Questão Coimbrã em 1865, na qual jovens poetas realistas e autores românticos travaram uma polêmica nos jornais quanto aos ideais da nova escola literária. Os expoentes máximos do Realismo em língua portuguesa, Eça de Queirós em Portugal e Machado de Assis no Brasil, dedicaram-se ao trabalho no jornalismo da juventude até o fim de suas vidas com crítica literária e teatral,

⁴MEYER, Marlyse. “Voláteis e Versáteis: de variedades e folhetins se fez a chronica”. IN: CANDIDO, Antonio et al. **A Crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. Campinas: Editora da Unicamp; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

⁵MEYER, Marlyse. **Op. Cit.**, pág. 101.

crônicas e artigos, além de publicarem várias de suas obras em jornais e revistas. Embora não tão profícua e prolongada quanto a obra dos dois anteriores, ainda no século XIX, o realista-impressionista brasileiro Raul Pompéia (com crônicas), o naturalista brasileiro Aluísio de Azevedo (com artigos), o parnasiano brasileiro Olavo Bilac (com diversas produções) e os simbolistas Camilo Pessanha (de Portugal, com crônicas e ensaios) e Cruz e Sousa (do Brasil, com diversas produções) também passaram pelo jornalismo.

As várias gerações do Modernismo nos dois países vão apresentar também representantes que atuam nas duas formas de expressão intelectual, continuando a trajetória de escritores-jornalistas em nossas literaturas. Vários publicaram romances e poemas por meio de folhetins, trabalharam como redatores e/ou cronistas, alimentaram polêmicas literárias, conseguiram o reconhecimento público e retiravam o sustento financeiro nas páginas da imprensa luso-brasileira. São exemplos disto os pré-modernistas brasileiros Euclides da Cunha (cujas obras *Os Sertões* resultou de suas reportagens como correspondente da Guerra de Canudos para o jornal *O Estado de São Paulo*), Monteiro Lobato (que fundara com amigos da faculdade o jornal *O Minarete* e publicara artigos em vários órgãos da imprensa paulista e fluminense, entre os quais o violento “Paranóia ou Mistificação?” contra a exposição da pintora vanguardista Anita Mafaliti) e Augusto dos Anjos (que enviou matérias para vários jornais).

No caso da primeira geração modernista de Portugal, Fernando Pessoa redigiu entre 1901 e 1905, em Portugal e na África do Sul, sozinho, vários jornais, assinados com diferentes nomes; colaborou na revista *A Águia*, da Renascença Portuguesa, com artigos de crítica literária sobre a nova poesia lusitana; em 1915, com Mário de Sá-Carneiro (e outros poetas e artistas plásticos com os quais formou o grupo Orpheu), lançou a revista *Orpheu*, marco do modernismo português; colaborou ainda nas revistas *Exílio*, *Portugal Futurista*, *Contemporânea*, *Athena* e *Presença*. Mário de Sá-Carneiro redigiu e imprimiu em 1905 *O Chinó*, jornal satírico da vida escolar; em 1914 começou, com amigos como Fernando Pessoa, a projetar a revista literária *Orpheu*. Florbela Espanca colaborou em jornais e revistas nos anos 1910, entre os quais o *Portugal Feminino*.

Da segunda e terceira gerações modernistas em Portugal (Presencismo e Neo-Realismo), mencionamos José Régio, que com Branquinho da Fonseca e João Gaspar Simões, fundou em 1927 a revista *Presença* (marco do segundo modernismo português) e deixou também textos dispersos por publicações como *Seara Nova*, *Ler*, *O Comércio do Porto* e o

Diário de Notícias; Miguel Torga, ligado inicialmente ao grupo da revista *Presença*, dele se desligou em 1930, fundando as efêmeras revistas *Sinal* e *Manifesto*; Alves Redol, que iniciou a sua atividade literária em 1936, tornando-se colaborador do jornal *O Diabo*. Outro nome importante é Ferreira de Castro: o autor trabalhou na década de 1910 em Belém do Pará como colaborador acidental em veículos impressos (onde publicou, em jornal, o seu romance juvenil "Criminoso por Ambição"); também enviou trabalhos literários para jornais brasileiros de outros estados e fundou o semanário *Portugal*; ao regressar a Lisboa, na década de 1920, retomou a carreira do jornalismo e da literatura, fundando o jornal *O Luso* e a revista *Hora* e abrindo caminho no jornalismo profissional com trabalhos, reportagens e colaborações em vários jornais. Não podemos esquecer também o prêmio Nobel José Saramago, que colaborou como crítico literário na revista *Seara Nova* e como comentador político do jornal *Diário de Lisboa* (onde foi também coordenador do suplemento cultural e diretor-adjunto por alguns meses).

O Modernismo no Brasil deve ao jornalismo parte de seu impulso inicial, com a divulgação dos ideais da geração de 22 em revistas fundadas pelos escritores da Semana de Arte Moderna (*Klaxon*, *Estética*, *Festa*, *Terra Roxa* e *Outras Terras*, *Revista de Antropofagia*) e a publicação de seus manifestos em jornais (como o Pau-Brasil no jornal carioca *Correio da Manhã* e o Antropófago na paulistana *Revista de Antropofagia*). O *Correio Paulistano* foi ponto de encontro dos modernistas de 1922. Neste veículo, Oswald Andrade chefiava a seção literária, além de trabalhar nele como correspondente na Europa; Cassiano Ricardo e Plínio Salgado eram redatores e Menotti del Picchia, cronista social e redator político. Oswald de Andrade foi ainda colunista social e redator dos veículos *Jornal do Comércio*, *O Jornal* e *A Gazeta*; acumulando empregos em vários órgãos de imprensa, veio a conhecer em seu trabalho de repórter a Mário de Andrade e publicou no *Correio da Manhã* em 1924 o seu Manifesto da Poesia Pau-Brasil.

O mesmo fenômeno ocorreu com a geração de 45. Carlos Drummond de Andrade trabalhou na adolescência para os veículos *Jornal de Minas* e *Diário de Minas*, tendo escrito também na *Revista para Todos* e nos jornais *A Tribuna* e *Minas Gerais*, além de manter produção regular como cronista para os jornais *Correio da Manhã* e *Jornal do Brasil* entre os anos de 1970 e 1985. Érico Veríssimo bateu na porta da Editora Globo (então no Rio Grande do Sul) querendo ser escritor, mas começou como jornalista na *Revista do Globo* em 1930. Jorge Amado começou a trabalhar como repórter de polícia do *Diário da Bahia* e de *O*

Imparcial com apenas 15 anos, tendo mais tarde se tornado redator-chefe das revistas baianas *Dom Casmurro* e *Diretrizes*, além de ter chefiado a redação do jornal *Hoje* (do Partido Comunista Brasileiro) e trabalhado no jornal paulistano *Folha da Manhã*. Graciliano Ramos trabalhou no jornal *Correio da Manhã* de 1914 a 1947 como revisor, tendo exercido a mesma função nos jornais *A Tarde* e *Gazeta de Notícias*; foi cronista do *Jornal de Alagoas* e colaborador do semanário *Paraíba do Sul* e da revista *Concórdia*. Rachel de Queirós escreve aos 19 anos uma carta ao jornal *O Ceará* ironizando o concurso "Rainha dos Estudantes", cujo sucesso da missiva resulta em colaboração regular, a publicação de um folhetim e a organização da página de literatura no jornal; colaborou no Rio de Janeiro com os jornais *Correio da Manhã*, *O Jornal* e *Diário da Tarde*, vindo depois a ser cronista exclusiva e folhetinista da revista *O Cruzeiro*.

O *Suplemento Dominical do Jornal do Brasil*, criado em 1956, teve em sua história poetas e prosadores da geração de 60. Estavam à sua frente desde o início, por exemplo, Ferreira Gullar (mais tarde revisor por trinta anos da sucursal carioca de *O Estado de São Paulo*, além de passagem pela revista *Manchete* e pelo *Diário Carioca*), Reinaldo Jardim e Mário Faustino; nele trabalharam também os escritores Augusto e Haroldo de Campos, Carlos Heitor Cony, Zuenir Ventura, Clarice Lispector e Carlinhos Oliveira. Foi no jornal fundado e dirigido pelo pai (*A Manhã*) que Nelson Rodrigues iniciou sua carreira jornalística como repórter de polícia aos treze anos; após a perda do jornal da família, Nelson encontra emprego em *O Globo* nas editorias de esportes e de cultura, nas revistas *Detetive* e *O Guri* (do conglomerado de mídia de Chateaubriand) como diretor de redação, em *O Jornal* como folhetinista e de volta a *O Globo* como colunista e cronista. Entre os escritores da literatura contemporânea, passaram pelo dia-a-dia das redações nomes como Antonio Callado, Antônio Torres, Carlos Heitor Cony, Carlinhos Oliveira, Edilberto Coutinho, Fernando Sabino, Ignácio de Loyola Brandão, João Antônio, João Ubaldo Ribeiro, J.J. Veiga, Marcelo Rubens Paiva, Roberto Drummond e Sérgio Porto, o Stanislaw Ponte Preta.

Mas que ninguém pense que esta relação é tranqüila e aceita reciprocamente. Como dissemos no início, as relações entre o jornalismo e a literatura são semelhantes a de dois amantes; explorando a analogia, é uma relação não-oficial e conflituosa, ao ponto de representantes dos dois campos desconhecerem ou mesmo questionarem esta ligação amorosa. Moacyr SCLiar faz uso da imagem de irmãos em conflito ao falar da fronteira conflagrada entre o jornalismo e a literatura. Ele argumenta que a literatura não gosta do

jornalismo porque partilha com ele um instrumento comum que é a palavra impressa e essa proximidade faz com que ela lhe dirija rancor. E acrescenta:

“A literatura é a irmã mais velha do jornalismo, que, na forma como hoje conhecemos, é, sobretudo, uma invenção da modernidade. Tem assim o ressentimento dos irmãos mais velhos pelos caçulas, sobretudo quando se trata de um caçula espevitado, metido, barulhento, às vezes nada convencional, às vezes muito criativo.”⁶

Alguns argumentam que os escritores se identificavam como tais, e não como jornalistas, relegando a imprensa a uma categoria inferior às belas letras ou delas distinta. É verdade que muitos escritores como Evelyn Waugh, Marianne Moore, Clarice Lispector, Mario Vargas Llosa e Dorothy Parker trabalharam apenas ocasionalmente em jornais, como forma de ganhar a vida. Mas mesmo assim o fizeram já consagrados como escritores no campo literário, não como jornalistas frustrados que abandonaram a imprensa para se dedicar à literatura. Massaud MOISÉS declara que “nesse terreno, é possível dizer que não houve crítico ou escritor moderno digno de nomeada que não tivesse colaborado, ao menos incidentalmente, em jornais”⁷.

Outros críticos argumentam que o jornalismo seria pouco propício à “boa literatura”, devido à sua singularidade como texto pouco elaborado e descartável devido à pressão do fechamento das matérias e ao caráter perecível do jornal. Isto é facilmente refutado se lembrarmos que Ernest Hemingway, Gabriel García Márquez, Kurt Vonnegut Jr., Ring Lardner, Antônio Callado, Carlos Heitor Cony e Juan Carlos Onetti não apenas são nomes consagrados no campo literário, mas também foram (ou ainda são, já que a lista inclui alguns vivos) jornalistas em tempo integral ou parcial ao longo da vida.

Talvez a objeção mais recorrente seja a de que o jornalismo é apenas um campo de experimentação e burilamento do estilo literário (algo como uma prática de estágio para futuros literatos) e não, porém, um espaço de textos com a reflexão e esmero que se espera de um texto digno de ser considerado literário. A história cultural novamente prova o contrário

⁶SCLIAR, Moacyr. “Jornalismo e Literatura: a fronteira conflagrada”. IN: **Continente Sul Sur**. Revista do Instituto Estadual do Livro/RS. n. 2, novembro/1996.

⁷MOISÉS, Massaud. “Jornalismo no Brasil”. IN: COELHO, Jacinto Prado (direção). **Dicionário de Literatura**. 3.ed. (s.l.): Figueirinhas do Porto, 1976, pág. 511.

do que afirmam os críticos. Os contos *O Velho na Ponte*, *Itália* e *Os Choferes de Madri* eram despachos e crônicas de guerra escritos para jornal por Ernest Hemingway quando trabalhava como correspondente da Guerra Civil Espanhola. *Os Dez Dias que Abalaram o Mundo*, de John Reed, é uma série de reportagens escritas sobre a Revolução Russa de 1917. Um caso semelhante é o brasileiro *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, uma reportagem sobre a Guerra de Canudos publicada originalmente no jornal *O Estado de São Paulo*. Todos estes textos, jornalísticos a princípio, foram publicados e reconhecidos mais tarde como literatura.

Não seríamos honestos, entretanto, se adotássemos o ponto de vista ingênuo, porém comum, de que todo jornalista é um escritor em potencial. Existem escritores menores ao longo dos tempos sobre os quais a crítica literária prestou serviços inestimáveis ao negar-lhes paridade no cânon com os grandes mestres. Igualmente muitos jornalistas que se pretendem literatos não desempenham com maestria sequer os rudimentos da sua profissão. O título de um artigo de Josué MACHADO em uma extinta revista para profissionais da imprensa ilustra sarcástica e brilhantemente este assunto: “Literatura? Alguns textos não são nem mesmo jornalismo”⁸. Eric NEPOMUCENO⁹ ressalta que a dupla militância nos campos provoca um trânsito de técnicas, mas não faz do jornalismo um celeiro automático de escritores. Sustentar o contrário seria tão absurdo quanto sustentar que, como João Cabral de Melo Neto e Vinícius de Moraes eram diplomatas e Guimarães Rosa e Moacyr Scliar, médicos, as faculdades de medicina e o Instituto Rio Branco são campos em que se encontram automaticamente os futuros imortais escolhidos para a Academia Brasileira de Letras.

Também é importante reconhecer que a auto-identidade dos autores nestes dois campos não é pacificamente estabelecida: seriam eles escritores-jornalistas ou jornalistas-escritores? Gabriel García Márquez, embora reclame das condições de trabalho e de ter de condicionar-se ao pensamento do jornal, várias vezes disse estar convencido de que ser repórter é o melhor ofício do mundo. Por outro lado, referindo-se à pressão do jornalismo no exercício cotidiano das redações de jornal, comentava que o trabalho jornalístico não prejudica o trabalho do jovem escritor, podendo até mesmo ajudá-lo, se ele cair fora a

⁸MACHADO, Josué. “Literatura? Alguns textos não são nem mesmo jornalismo”. IN: **Jornal dos Jornais**, ano 1, n. 7, outubro/1999, págs. 35-39.

⁹NEPOMUCENO, Eric. “Da Arte de Bem Escrever”. IN: **Jornal dos Jornais**, ano 1, n. 7, outubro/1999, págs. 21-31. Para uma discussão aprofundada sobre as relações entre o jornalismo e a literatura, ver também: LIMA, Alceu Amoroso. **O Jornalismo como Gênero Literário**. São Paulo: Agir, 1958; e COSTA, Cristina. **Pena de Aluguel: escritores jornalistas no Brasil — 1904–2004**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

tempo¹⁰. Podemos adotar dois critérios não-definitivos, mas sensatos, sobre a identidade destes autores no campo intelectual: verificar se estes escritores se dedicam à imprensa de forma integral (jornalistas-escritores) ou parcial (escritores-jornalistas) e reconhecer que as duas atividades não são contraditórias nem excludentes (como a medicina e a diplomacia, já mencionadas, não prejudicam nem beneficiam *per si* o exercício da literatura). Segundo este critério, Lima Barreto (1888-1922) — o autor que abordaremos no presente trabalho — era um escritor jornalista, que atuou no início da segunda fase do jornalismo no Brasil e cuja identidade primária era a de escritor.

O primeiro contato que nós, o autor deste trabalho, tivemos com Lima Barreto foi bastante incomum. Pondo de lado o plural de modéstia, eu já o conhecia por ter lido excertos de seu romance *Triste Fim de Policarpo Quaresma* e do conto *A Nova Califórnia* no Ensino Médio, mas a primeira obra integral que li dele foi *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*. Como milhares de jovens que buscam as faculdades de comunicação social, a minha visão do jornalismo correspondia àquela descrita por John SOLOSKI: “um repórter em cruzada que, para grande espanto de um rabugento mas benévolo editor, investiga um dos mais infames políticos da cidade, e depois de árduo trabalho e um pouco de sorte, apanha o político ‘em flagrante’, ajuda a mandá-lo para a prisão e melhora as vidas dos oprimidos e desprotegidos”¹¹. Esta visão haveria de mudar após eu ingressar na faculdade de jornalismo, e um jornal do centro acadêmico trazia listas feitas por diversos profissionais da imprensa com os 10 livros que cada um julgava fundamentais para um futuro jornalista ler. E *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* estava em todas elas.

Publicado parcialmente em folhetim a princípio e mais tarde editado em livro no ano de 1916, o romance *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* pretende apresentar um panorama da imprensa carioca no início do século passado mediante a eleição de um dos veículos mais influentes da época, o *Correio da Manhã* — apresentado no livro como o jornal *O Globo*. Já nos primeiros capítulos percebi, sem muito esforço e com muita surpresa, que a

¹⁰MÁRQUEZ, Gabriel García. **A Melhor Profissão do Mundo**. Disponível em <<http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/mat2010a.htm>>. Acesso em: 30 de dezembro de 2006. Este texto foi apresentado como discurso de abertura de Assembléia Geral Anual de 1996 da Sociedad Interamericana de Prensa (SIP).

¹¹SOLOSKI, John. “O Jornalismo e o Profissionalismo: alguns constrangimentos no trabalho jornalístico”. IN: TRAQUINA, Nelson (org.) **Jornalismo**: questões, teorias e técnicas. Lisboa: Vega, 1993. (Coleção Comunicação e Linguagem), págs. 91-100.

representação do jornalismo feita por Lima Barreto neste livro não era nada romântica ou glamourizada. A forma como ele descreve a imprensa, tanto a instituição quanto os seus profissionais, em nada lembra o resoluto Klark Kent (a identidade secreta do super-herói criado por Jerry Siegel e Joe Shuster) em seu desejo de salvar o mundo ou o simpático Tintim (o repórter aventureiro criado pelo belga Hergé) em se aventurar a investigar grandes crimes. Pelo contrário: o que encontramos nas páginas do livro de estréia de Lima Barreto são jornalistas moralmente corruptos, eticamente questionáveis e intelectualmente despreparados laborando em uma instituição marcada por contradições ideológicas, manipulações dos fatos e abusos de influência.

Esta problemática da representação literária que Lima Barreto faz do jornalismo em *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* me inquietou durante toda a graduação e decidi fazer dele um projeto de estudo num futuro mestrado. Com este trabalho, portanto, atendemos a um desejo pessoal de trabalhar este assunto desde a minha primeira leitura do livro anos atrás e de realizar uma ponte entre meu interesse pela literatura e a minha formação em jornalismo. Retomando o plural de modéstia, nosso objetivo geral é descrever e analisar as relações entre o jornalismo e a literatura presentes nas obras de Lima Barreto, a fim de *tanto* questionar a relação estabelecida entre elas por Lima Barreto, *quanto* apontar como o autor articula no texto o seu discurso sobre a imprensa e a literatura.

A metodologia geral que seguiremos ao longo dos capítulos é dedutiva, apresentando inicialmente nossas hipóteses e o referencial teórico em que elas se fundamentam, para então comprová-las nas obras barretianas mediante os passos da sistematização e discussão. Entendemos por sistematização um levantamento exaustivo e temático, nas obras do escritor, de elementos-chave sobre a representação literária do jornalismo (como a galeria completa de personagens jornalistas ou o conjunto de juízos de valor sobre a imprensa). Por discussão queremos nos referir a um trabalho crítico-hermenêutico a partir de análises discursivas, semióticas e frankfurtianas sobre esses elementos-chave levantados na sistematização. Para atingir a meta geral e os objetivos específicos de cada capítulo, recorreremos primordialmente ao universo romanesco de Lima Barreto, constituído pelas obras *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* (publicado originalmente em 1909), *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, *Numa e a Ninfa* (ambos de 1915), *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá* (de 1919) e *Clara dos Anjos* (com publicação póstuma em 1948).

No primeiro capítulo, apresentaremos um histórico da imprensa no Brasil, situaremos nela a trajetória de Lima Barreto como jornalista e abordaremos o intercâmbio entre literatura e jornalismo praticado por ele. Veremos no capítulo 2 as marcas profundas do jornalismo por trás do estilo literário do escritor e como sua militância jornalística influenciou o projeto barretiano de literatura. A seguir, no terceiro capítulo, analisaremos o olhar barretiano sobre a imprensa, a representação literária das contradições desta instituição e sua leitura utópica sobre o papel e missão do jornalismo. No capítulo 4, sistematizaremos e analisaremos a galeria de personagens jornalistas presentes em seus romances e como eles fazem a figuração das severas críticas contra a imprensa tematizadas por Lima Barreto. Por fim, no capítulo 5, analisaremos como se dá a influência dos meios de comunicação sobre o nosso conhecimento do mundo, apontaremos o hábito de leitura de jornais presente nos personagens barretianos e como a imprensa atua como desencadeadora das ações nos cinco romances barretianos. Eis a nossa problemática, nosso objetivo geral, nossa metodologia, nosso *corpus* e o tema dos capítulos nesta dissertação de mestrado — enfim, as idéias diretrizes que perseguimos neste trabalho.

Gostaríamos, antes de prosseguirmos, de esclarecer três pontos importantes. Primeiramente, a nossa pesquisa fundamenta-se na obra barretiana, e não no homem Lima Barreto. Os leitores perceberão que recorremos sem maior aprofundamento a elementos extra-literários em nossa discussão, tais como a passagem biográfica de Lima Barreto pelo jornalismo, o momento histórico em que se situa a imprensa brasileira nos anos 1900-1920 e teorias sobre a influência do jornalismo sobre a sociedade. Embora reconheçamos que uma obra literária é escrita por homens e provocada dentro de um contexto histórico situado no tempo e espaço, este é um trabalho de natureza crítico-literária, e não historiográfico, sociológico ou comunicacional dentro da obra barretiana. Evitamos aprofundar os elementos extra-literários e trabalhar as relações entre a ficção e a História 1) devido à nossa problemática supramencionada, 2) por julgamos estes elementos importantíssimos, porém não indispensáveis 3) e, usando as palavras de Erich Auerbach, pelo caráter cansativo, trabalhoso e contraproducente desta tarefa para o tema e o leitor.

Em segundo lugar, reconhecemos que a leitura integral da obra barretiana é imprescindível para o estudo do pensamento intelectual e representação literária de Lima Barreto. Assim, rápidas passagens no corpo do texto e nas notas de rodapé farão referências a crônicas, artigos e cartas do escritor e a passagens de seu *Diário Íntimo* para estabelecer

relações de complementaridade, de biografia e/ou de intratextualidade com o universo romanesco. Finalmente, esclarecemos que nas referências bibliográficas as fontes primárias elencadas são aquelas citadas textualmente no texto principal e nas citações de rodapé; já as fontes secundárias, englobam autores e obras que, embora não foram apresentadas explicitamente na dissertação, compuseram nossos paradigmas de leitura e forneceram instrumentos de análise para a elaboração do presente trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Devido ao olhar aguçado de Lima Barreto e à multiplicidade de temas por ele abordados, sua obra é bastante prolífica para estudos nas mais diferentes áreas da academia. A lista engloba desde pesquisas da arquitetura sobre o plano urbanístico carioca descrito em seus romances até trabalhos da psicologia sobre a abordagem da loucura em seus personagens, passando pela considerável fortuna crítica sobre o preconceito racial ou as estruturas de dominação colonial, sem nos esquecermos das questões estilísticas na obra barretiana. Como apontamos inicialmente na introdução, nosso objetivo geral era descrever e analisar as relações entre o jornalismo e a literatura presentes nas obras de Lima Barreto, a fim de *tanto* questionar a relação estabelecida entre elas por Lima Barreto, *quanto* apontar como o autor articula no texto o seu discurso sobre a imprensa e a literatura. Posso afirmar que chegamos a este ponto de nosso trabalho acadêmico com um produto muito maior do que o planejado inicialmente para a coleta e reflexão sobre os dados de nossa problemática acerca da representação literária do jornalismo.

Conseguimos demonstrar ao longo dos capítulos a trajetória de Lima Barreto como jornalista e o intercâmbio entre literatura e jornalismo praticado por ele. Indicamos também as marcas profundas do jornalismo por trás do estilo literário do escritor e como sua militância jornalística influenciou o projeto barretiano de literatura. Examinamos igualmente o olhar barretiano sobre a imprensa, a representação literária das contradições desta instituição e seu ideal utópico sobre a missão social e papel da imprensa na sociedade. Estudamos os personagens jornalistas presentes em seus romances e como eles fazem a figuração das severas críticas contra a imprensa tematizadas por Lima Barreto. Por fim, analisamos a maneira em que a imprensa atua como desencadeadora das ações no universo romanesco barretiano, como mecanismo de inserção dos personagens nos acontecimentos do mundo retratados no enredo e como construtor da imagem destes personagens. Temos a consciência, entretanto, que muito mais pode ser explorado dentro do universo barretiano e da representação literária do jornalismo.

Outras questões poderiam ter sido levantadas, caso não houvesse a delimitação necessária em um trabalho científico e a natureza e prazos de um curso de mestrado. A representação literária do jornalismo na obra *não-romanesca* de Lima Barreto, por exemplo. Um estudo sobre a troca de correspondência de Lima Barreto com intelectuais da época sobre as relações literatura e jornalismo, como a que apontamos rapidamente no caso com Monteiro Lobato. Talvez um estudo específico de natureza comunicacional sobre questões teóricas e deontológicas do jornalismo na obra barretiana. Quem sabe um estudo comparativo da representação do jornalismo em Lima Barreto e nos romancistas franceses e russos presentes em sua biblioteca. Ou mesmo um estudo comparativo sobre a abordagem crítica do jornalismo na ficção, com a eleição de um escritor-jornalista contemporâneo para estabelecer paralelos e contrastes com a representação feita por Lima Barreto há um século. Além de outras abordagens sobre este autor e esta temática, que preferimos manter em sigilo para ampliar e/ou explorar mais a frente em nosso futuro projeto de doutorado. Em nossas considerações finais, porém, queremos apontar três aspectos gerais sobre o lugar do jornalismo dentro da cultura da mídia e o papel da representação ficcional neste processo.

Primeiramente, podemos detectar no universo romanesco barretiano uma dialética da fragmentação. Há uma busca para apreender uma informação holística, global, por meio da imprensa a fim de controlar o mundo exterior e ordenar o mundo interior dos personagens, mas o que se encontra é uma informação parcial dos fatos, que não consegue ordenar o caos de uma sociedade complexa e alienada. Dito de outra forma, o jornalismo nos romances barretianos centra-se no fato e não no contexto; e em vez de promover a transformação social, a impede. Isto aparece no universo romanesco barretiano com a coexistência do discurso institucional de elevar a sociedade por meio do jornal e a práxis de jornalistas moralmente corruptos que manipulam e distorcem os fatos. Não importa aos jornalistas que aparecem no universo romanesco barretiano analisar o complexo de contradições, estruturas e mecanismos que provocam, originam e perpetuam os fatos denunciados nas páginas da imprensa. Importa buscar o fato pelo fato. Não o fato em si, embora existam fatos a partir dos quais os jornalistas escrevem as matérias para os seus jornais. Quando o fato torna-se narrativa nas mãos do jornalista, ele transforma-se em acontecimento midiático, destacando-se o pitoresco, o mórbido, o ridículo, o catártico até, do fato; assim, aumenta-se a vendagem dos jornais, camufla-se o debate dos problemas e consegue-se maior prestígio para o jornalista e maior influência política para o jornal. Em certo sentido, a imprensa procura excitar tanto e

continuamente o senso de novidade do público leitor que o resultado não poderia ser outro senão o anestesiamiento da capacidade de reflexão da opinião pública.

Além disso, podemos detectar no universo romanesco barretiano o jornalismo como um espaço simbólico privilegiado. Douglas KELLNER¹⁴⁴ argumenta que é de vital importância entender o papel da cultura da mídia como uma vasta gama de lutas sociais, tendências e desenvolvimentos em curso; entender que as situações locais, nacionais e globais dos nossos dias são articuladas entre si por meio dos textos da mídia, que é em si mesma uma arena de lutas que os grupos sociais rivais tentam usar a fim de promover seus próprios programas e ideologias, e ela mesma reproduz discursos políticos conflitantes, muitas vezes de maneira contraditória. Isto aparece nos romances quando observamos como o jornalismo insere os personagens nos acontecimentos do mundo retratados no enredo de suas obras, e em como os personagens temem ou buscam a projeção de si mesmos na imprensa. No enredo barretiano, as personagens observam continuamente pelos jornais as mudanças de fatos e tendências que ocorrem no espaço e tempo narrativos da trama. As críticas ao jornalismo presentes nos romances de Lima Barreto assumem um peso mais grave por este fato: a tão grande influência e responsabilidade da imprensa sobre os personagens.

Finalmente, podemos detectar no universo romanesco barretiano o mérito inerente da representação mimética. Segundo Luiz Costa LIMA¹⁴⁵, representação é a rede de símbolos que nos dá acesso imediato ao agrupamento social em que estamos inseridos e no qual nos diferenciamos de outros agrupamentos; numa sociedade complexa há inúmeros sistemas de representação devido à existência de classes com oportunidades sócio-econômicas e culturais desiguais; mas cada um desses sistemas de representação engloba, em um nível vertical, uma classificação dos seres; e, em um nível horizontal, formas de relacionamento entre os seres. Nos romances barretianos, encontramos duas representações em destaque na sociedade, sendo os próprios romances uma representação: a jornalística e a mimética, ou literária, — as duas únicas instâncias disponíveis aos personagens para ultrapassar a realidade imediata em que estão inseridos e tomar conhecimento do mundo. Como o jornalismo não cumpre devidamente esta função — pois embora pretenda retratar com maior ou menor fidelidade os

¹⁴⁴KELLNER, Douglas. **A Cultura da Mídia** - estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. trad. Ivone Castilho Benedetti. Bauru, SP: EDUSC, 2001. (Coleção Verbum), págs. 31-86.

¹⁴⁵LIMA, Luiz Costa. **Mimesis e Modernidade**: formas das sombras. prefácio de Benedito Nunes. Rio de Janeiro: Graal, 1980. (Biblioteca de Teoria e Crítica Literária; 1), págs. 67-75.

fatos do mundo, enfatiza aspectos secundários nos fatos e até mesmo os distorce e os manipula —, permanece uma mensagem sempre presente no universo romanesco barretiano: é por meio da literatura que podemos conhecer verdadeiramente o mundo. Dito de outra maneira, o relato fictício apresenta mais fielmente a realidade do que o relato jornalístico. Mais que o jornalista moderno, é o escritor realista quem age, segundo Erich AUERBACH, “como educador, como guia, como voz representativa e, por vezes, profética”¹⁴⁶. O que a representação jornalística não mostra ou mostra mal, a representação mimética desnuda e revela.

Se acaso conseguimos atingir nosso objetivo geral de descrever e analisar as relações entre o jornalismo e a literatura presentes no universo romanesco de Lima Barreto, cremos que nosso trabalho não foi em vão. Como já dissemos em momento anterior, é preciso reconhecer que Lima Barreto foi um intelectual cuja formação e experiência foram mais complexas e abrangentes do que as relações entre imprensa e literatura que buscamos apontar nesta dissertação. Admitimos, também, que o estudo integral de sua obra é imprescindível para o estudo do pensamento intelectual e representação literária de Lima Barreto, fonte de diversos questionamentos e manancial para um sem-número de trabalhos acadêmicos. Contudo, é preciso reconhecer igualmente que o trabalho de Lima Barreto em vários veículos da pequena e grande imprensa de sua época concomitantemente à escritura de uma das mais importantes obras da nossa literatura, exigia uma abordagem que examinasse as marcas destas relações em sua obra canônica. É forçoso admitir também que o recorte do *corpus* aos romances era necessário para estudar estas relações entre os campos, e aqueles que leram o nosso trabalho perceberam que este recorte nada tinha de arbitrário em relação ao conjunto da obra barretiana.

Comparados a trajetória de Lima Barreto na imprensa e os seus romances analisados neste trabalho, notamos como a militância jornalística afetou profundamente a sua concepção de linguagem e as marcas de seu estilo literário, a elaboração do enredo e a construção dos personagens de seu universo romanesco, a sua visão sobre o papel do intelectual e da imprensa na vida social. Se acaso paira na mente de algum leitor discutir se a imprensa como um todo reflete as mesmas contradições e vícios que encontramos nos romances barretianos, lembramos que isto seria tão inoportuno e contraproducente

¹⁴⁶AUERBACH, Erich. **Mimesis**: a representação da realidade na literatura ocidental. São Paulo: Perspectiva, 1976. (Coleção Estudos), págs. 448-449.

quanto avaliar internatos e cortiços à luz dos ambientes retratados por Raul Pompéia e Aluísio Azevedo. O que existe no mundo exterior à literatura não corresponde ao que é retratado em suas páginas pois, como todas as artes, a literatura parte do mundo real para representá-lo, mas não é a representação exata do mundo real. Se o leitor conseguiu, a partir do nosso trabalho, compreender os mecanismos desta representação *literária* do jornalismo feita nos romances de Lima Barreto, com todas as contradições apontadas por Lima Barreto e ao mesmo tempo encontradas em seus apontamentos, nos regozijamos com a consecução de nossos esforços. “As palavras dos sábios são como agulhões, e como pregos bem fixados as sentenças coligidas, dadas pelo único Pastor. Demais, filho meu, atenta: não há limite para fazer livros, e o muito estudar é enfado da carne.” Eclesiastes 11:11-12.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Obras de Lima Barreto:

LIMA BARRETO, Afonso Henrique. **Bagatelas**. pref. de Astrogildo Pereira. 2.ed. São Paulo: Brasiliense, 1961. (Obras de Lima Barreto; IX).

_____. **Clara dos Anjos**. São Paulo: Ática, 1995. (Série Bom Livro).

_____. **Coisas do Reino do Jambom**. pref. de Olívio Montenegro. São Paulo: Brasiliense, 1956. (Obras de Lima Barreto; VIII).

_____. **Diário Íntimo**. pref. de Gilberto Freire. Rio de Janeiro, Belo Horizonte: Livraria Garnier, 1956. (Obras de Lima Barreto; XIV).

_____. **Feiras e Mafuás**. pref. de Jakson de Figueiredo. São Paulo: Brasiliense, 1956. (Obras de Lima Barreto; X).

_____. **Histórias e Sonhos**. pref. de Lúcia Miguel Pereira São Paulo: Brasiliense, 1961. (Obras de Lima Barreto; VI).

_____. **Impressões de Leitura**. pref. de Manuel Cavalcanti de Proença. São Paulo: Brasiliense, 1956. (Obras de Lima Barreto; XII).

_____. **Marginália**. pref. de Agripino Grieco. São Paulo:

Brasiliense, 1956. (Obras de Lima Barreto; XII).

_____. **Numa e a Ninfa**. pref. de João Ribeiro. Rio de Janeiro, Belo Horizonte: Livraria Garnier, 1990. (Coleção dos Autores Modernos da Literatura Brasileira; Lima Barreto, 3).

_____. **Os Subterrâneos do Morro do Castelo**. 3. ed. introdução de Beatriz Rezende e posfácio de Carlito Azevedo. Rio de Janeiro: Dantes, 1999. (Coleção Babel).

_____. **Recordações do Escrivão Isaías Caminha**. pref. de Francisco de Assis Barbosa. Rio de Janeiro: Ediouro; São Paulo: Publifolha, 1997.

_____. **Triste Fim de Policarpo Quaresma**. São Paulo: Klic/O Estado de São Paulo, 1997. (Coleção Ler é Aprender; 18).

_____. **Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá**. Rio de Janeiro, Belo Horizonte: Livraria Garnier, 1990. (Coleção dos Autores Modernos da Literatura Brasileira; Lima Barreto, 4).

_____. **Vida Urbana**. pref. de Antônio Houaiss. São Paulo: Brasiliense, 1956. (Obras de Lima Barreto; XI).

LIMA BARRETO — Um Longo Sonho do Futuro: diários, cartas, entrevistas e confissões dispersas. Rio de Janeiro: Graphia Editorial, 1993. (Série Revisões; 5).

Fontes primárias:

ALVAREZ, Jesus Timóteo. **Historia y Modelos de la Comunicación em el Siglo XX**: el nuevo orden informativo. 2. ed. Barcelona: Ariel, 1992.

AMADO, Jorge. “Lima Barreto, Escritor Popular”. IN: LIMA BARRETO, Afonso Henrique.

Triste Fim de Policarpo Quaresma. edição crítica. Antonio Houaiss e Carmen Lúcia Negreiros de Figueiredo (coord.). Paris: Allca XX; São Paulo: Scipione Cultural, 1997, págs. 429-431. (Coleção Archivos).

AUERBACH, Erich. **Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental.** São Paulo: Perspectiva, 1976. (Coleção Estudos).

BAHIA, Juarez. **Jornal, História e Técnica: história da imprensa brasileira.** 4.ed. São Paulo: Ática, 1990.

BARBOSA, Francisco de Assis. **A Vida de Lima Barreto.** 3.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.

BARROS FILHO, Clóvis de. “A Objetividade Aparente e seus Efeitos Sociais”. IN: _____ . **Ética na Comunicação: da informação ao receptor.** São Paulo: Moderna, 1995, págs. 169-210.

BOSI, Alfredo. “Figuras do Eu nas Recordações de Isaías Caminha”. IN: _____ . **Literatura e Resistência.** São Paulo: Companhia das Letras, 2002, págs. 186-208.

BRAIT, Beth. **A Personagem.** 2.ed. São Paulo: Ática, 1985. (Série Princípios; 3).

CAMPOS, Maria Tereza Arruda. **Lima Barreto.** São Paulo: Ática, 1988. (Série Ponto por Ponto).

CANDIDO, Antonio. “A Personagem do Romance”. IN: CANDIDO, Antonio et alli. **A Personagem de Ficção.** 3.ed. São Paulo: Perspectiva, 1972 (Coleção Debates; 1).

_____. “Perversão da *Aufklärung*”. IN: **Textos de Intervenção.** São Paulo: Duas Cidades/ Ed. 34, 2000, págs. 320-327.

COSTA, Cristina. **Pena de Aluguel: escritores jornalistas no Brasil — 1904 – 2004.** São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

COUTINHO, Afrânio. “Literatura e Jornalismo”. IN: _____ (org.). **A Literatura no Brasil.** vol. 4. Rio de Janeiro: José Olympio/UFF, págs. 64-114.

ERBOLATO, Mário. **Técnicas de Codificação em Jornalismo**: redação, captação e edição no jornal diário. 5. ed. São Paulo: Ática, 1991. (Série Fundamentos).

FIGUEIREDO, Carmem Lúcia Negreiros. “Lima Barreto: a ousadia de sonhar”. IN: LIMA BARRETO, Afonso Henrique. **Triste Fim de Policarpo Quaresma**. edição crítica. Antonio Houaiss e Carmen Lúcia Negreiros de Figueiredo (coord.). Paris: Allca XX; São Paulo: Scipione Cultural, 1997, pág. 371-401. (Coleção Archivos).

JOBIM, Danton. **Espírito do Jornalismo**. São Paulo: Livraria São José, 1960 (?).

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 10.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HOUAISS, Antônio et alli. **Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa**. versão 1.0. Rio de Janeiro: Objetiva/Instituto Antonio Houaiss, 2001. 1 CD-ROM.

KELLNER, Douglas. **A Cultura da Mídia** - estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. trad. Ivone Castilho Benedetti. Bauru: EDUSC, 2001. (Coleção Verbum).

LAGE, Nilson. **Gramática do Texto Jornalístico. Aulas 1 a 9**. Disponível em:

<<http://www.jornalismo.ufsc.br/bancodedados/didatico.html>>. Acesso em: 5 de março de 2006.

_____. **Linguagem Jornalística**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1986. (Série Princípios).

LE MOING, Monique. **Lima Barreto ou L'illusion Tragique**. Disponível em:

<<http://www.brasil.org/images/stories/ambassade-documents/le-bresil-en-france/publications/limabarreto.pdf?PHPSESSID=a204ae6c9a8f49446402f4e25ff0207a>>. Acesso em: 30 de dezembro de 2006.

LEJEUNE, Phillipe. **Le Pacte Autobiographique**. Paris: Seuil, 1975.

LIMA, Luiz Costa. **Mimesis e Modernidade**: formas das sombras. prefácio de Benedito

- Nunes. Rio de Janeiro: Graal, 1980. (Biblioteca de Teoria e Crítica Literária; 1).
- LISBOA, Luiz Carlos. “Quanto a literatura americana deve ao bom jornalismo”. IN: **Jornal dos Jornais**, ano 1, n. 7, outubro/1999, págs. 17-19.
- LOBATO, Monteiro. “Lima Barreto”. IN: LIMA BARRETO, Afonso Henrique. **Triste Fim de Policarpo Quaresma**. edição crítica. Antonio Houaiss e Carmen Lúcia Negreiros de Figueiredo (coord.). Paris: Allca XX; São Paulo: Scipione Cultural, 1997, pág. 425-426. (Coleção Archivos).
- MACHADO, Josué. “Literatura? Alguns textos não são nem mesmo jornalismo”. IN: **Jornal dos Jornais**, ano 1, n. 7, outubro/1999, pág. 35-39.
- MACHADO, Maria Cristina Teixeira. **Lima Barreto – Um Pensador Social na Primeira República**. Brasília, 1997 (?). Tese de Doutorado em Sociologia. Departamento de Sociologia — Doutorado em Sociologia, Universidade de Brasília.
- MÁRQUEZ, Gabriel García. **A Melhor Profissão do Mundo**. Disponível em <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/mat2010a.htm>. Acesso em: 30 de dezembro de 2006.
- MEYER, Marlyse. “Voláteis e Versáteis: de variedades e folhetins se fez a chronica”. IN: CANDIDO, Antonio et al. **A Crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. Campinas: Editora da Unicamp; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.
- MOISÉS, Massaud. “Jornalismo no Brasil”. IN: COELHO, Jacinto Prado (direção). **Dicionário de Literatura**. 3.ed. (s.l.): Figueirinhas do Porto, 1976, págs. 510-512.
- NEPOMUCENO, Eric. “Da Arte de Bem Escrever”. IN: **Jornal dos Jornais**, ano 1, n. 7, outubro/1999, págs. 21-31.
- OAKLEY, Robert J. “*Triste Fim de Policarpo Quaresma*: passado, presente e futuro”. IN: LIMA BARRETO, Afonso Henrique. **Triste Fim de Policarpo Quaresma**. edição crítica, Antonio Houaiss e Carmen Lúcia Negreiros de Figueiredo (coord.). Paris: Allca XX; São Paulo: Scipione Cultural, 1997, págs. 286-292. (Coleção Archivos).

- REUTER, Yves. **Introdução à Análise do Romance**. trad. de Ângela Bergamini et alli. São Paulo: Martins Fontes, 1995 (Série Leitura e Crítica), págs. 5-12.
- SANTIAGO, Silviano. “Uma Ferroada no Peito do Pé: dupla leitura de *Triste Fim de Policarpo Quaresma*”. IN: _____. **Vale Quanto Pesa**: ensaios sobre questões político-culturais. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982 (Coleção Literatura e Teoria Literária; 44), págs. 163-181.
- SCLIAR, Moacyr. “Jornalismo e Literatura: a fronteira conflagrada”. IN: **Continente Sul Sur**. Revista do Instituto Estadual do Livro/RS, n. 2, novembro/1996.
- SEVCENKO, Nicolau. “Lima Barreto, a Consciência sob Assédio”. IN: LIMA BARRETO, Afonso Henrique. **Triste Fim de Policarpo Quaresma**. edição crítica, Antonio Houaiss e Carmen Lúcia Negreiros de Figueiredo (coord.). Paris: Allca XX; São Paulo: Scipione Cultural, 1997, págs. 318-350. (Coleção Archivos).
- SIQUEIRA, Marina Gonzaga de. **Lima Barreto – a proposta literária, social e política do cronista**. Brasília, 2005. Dissertação de Mestrado em Literatura. Departamento de Teoria Literária e Literatura — Mestrado em Literatura, Universidade de Brasília.
- SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.
- SOUZA, Jorge Pedro de. **Elementos de Teoria e Pesquisa da Comunicação e dos Media**. Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa, 2003.
- TRAQUINA, Nelson (org.) **Jornalismo**: questões, teorias e técnicas. Lisboa: Vega, 1993. (Coleção Comunicação e Linguagem).
- VERANI, Ana Carolina. **O Triste Fim de Lima Barreto: Literatura, Loucura e Sociedade no Brasil da Belle Époque**. Rio de Janeiro, 2003. Tese de Doutorado em Literatura. Departamento de Letras — Doutorado em Literatura, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Fontes secundárias:

ADORNO, Theodor. “Indústria Cultural”. IN: COHN, Gabriel (org.). **Comunicação e Indústria Cultural**. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1971, págs. 287-295.

ARISTÓTELES. **Poética**. São Paulo: Abril Cultural, 1991. (Os Pensadores).

BAKHTIN, Mikhail. “Biografias e Autobiografias Antigas” e “A Pessoa que Fala no Romance”. IN: _____. **Questões de Literatura e Estética: a teoria do romance**. trad. de Aurora Fornoni Bernardini et alli. São Paulo: Unesp/Hucitec, 1988.

BARBOSA, Francisco de Assis. (org.) **Lima Barreto: romance**. Rio de Janeiro: Agir, 1960. (Coleção Nossos Clássicos).

BENJAMIN, Walter. “A Obra de Arte na Era de sua Reprodutibilidade Técnica: primeira versão”, “A Imagem de Proust”, “A Crise do Romance: sobre Alexandersplatz, de Döblin”, “O Autor Como Produtor”, “Franz Kafka: a propósito do décimo aniversário de sua morte” e “O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. IN: _____. **Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política**. 3 vol. trad. de Sérgio Paulo Rouanet. 3.ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. 3. ed. São Paulo: Cultrix, s/d.

_____. **O Pré-Modernismo**. 5.ed. São Paulo: Cultrix, s/d.

BOURDIEU, Pierre. “Três Estados do Campo”. IN: _____. **As Regras da Arte**. trad. de Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, págs. 62-199.

_____. “A Influência do Jornalismo Sobre a Televisão”. IN: _____. **Sobre a Televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997, págs. 101-120.

CANDIDO, Antonio. “Os Olhos, a Barca e o Espelho”. IN: LIMA BARRETO, Afonso Henrique. **Triste Fim de Policarpo Quaresma**. edição crítica, Antonio Houaiss e

- Carmen Lúcia Negreiros de Figueiredo (coord.). Paris: Allca XX; São Paulo: Scipione Cultural, 1997, págs. 549-558. (Coleção Archivos).
- CURY, Maria Zilda Ferreira. **Um Mulato no Reino de Jambon:** (as classes sociais na obra de Lima Barreto). São Paulo: Cortez, 1981.
- FIGUEIREDO, Carmen Lúcia. **Lima Barreto e o Fim do Sonho Republicano.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.
- FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso.** 5. ed. trad. de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 1999.
- _____. **O Que é um Autor.** 4. ed. trad. de Antônio Fernando Cascais e Eduardo Cordeiro. Lisboa: Vega, 2002.
- ISKANDAR, Jamil Ibrahim. **Normas da ABNT Comentadas para Trabalhos Científicos.** Curitiba: Champagnat, 2000.
- JAGUARIBE, Beatriz. “Subjetividades Urbanas em Pompéia, Machado e Lima Barreto”. IN: _____. **Fins de Século:** cidade e cultura no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- LINS, Osman. **Lima Barreto e o espaço romanesco.** São Paulo: Ática, 1976.
- LIMA, Alceu Amoroso. **O Jornalismo como Gênero Literário.** São Paulo: Agir, 1958.
- PEREIRA, Lúcia Miguel. **História da Literatura Brasileira — Prosa de ficção (de 1870 a 1920).** Rio de Janeiro: José Olympio, 1950.
- PRADO, Antônio Arnoni. **Lima Barreto:** literatura comentada. São Paulo: Nova Cultural, 1990.
- RESENDE, Beatriz. **Lima Barreto e o Rio de Janeiro em Fragmentos.** Rio de Janeiro: UFRJ/ Campinas, SP: Unicamp, 1993.
- SEVCENKO, Nicolau. **Literatura Como Missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República.** São Paulo: Brasiliense, 1999.